

DEPOIS DA TEMPESTADE...

*** Roberto Rodrigues**

Terminado o processo eleitoral mais disputado e talvez o mais deselegante dos últimos 25 anos, temos um Brasil um pouco mudado, mas não muito. A Presidente da República foi reeleita, assim como 11 governadores. Em alguns estados importantes a oposição venceu, como no Rio Grande do Sul, no DF e em Minas Gerais e poucas surpresas foram marcantes. A renovação na Câmara dos Deputados foi menor do que o previsto, apenas 38%, e no Senado estarão 22 novos Senadores.

Novidade deverá ser a marca da oposição: depois de tão renhida batalha eleitoral, é de se esperar uma oposição bem mais ativa do que a dos últimos 3 mandatos presidenciais. Sobretudo no Senado a governo do PT e seus aliados deverá ter maiores dificuldades políticas para passar seus projetos. Aliás, a recente recusa do Parlamento em aceitar o célebre decreto presidencial que criou os Conselhos Populares foi uma amostra de que o Legislativo não engolirá qualquer programa do Executivo sem um diálogo consistente e construtivo.

E essa talvez seja a grande novidade, a maior expectativa em relação ao segundo mandato da Presidente Dilma Rousseff: o diálogo. Pelo menos esta foi a tônica de seu discurso na noite do dia 26 de outubro, logo depois de conhecidos os resultados das urnas. E é sem dúvida um ponto de inflexão no comportamento da reeleita Presidente, uma vez que há uma grande queixa dos mais diversos setores representativos da sociedade - empresários, trabalhadores, academias, ONGs, parlamentares, políticos em geral - da falta de diálogo com o Executivo e até mesmo da falta de gente do Governo com quem se possa discutir temas relevantes para este ou aquele setor. Este compromisso de Dilma pode ser uma mudança fundamental para seu êxito como Chefe do Governo. A falta de diálogo é apontada como razão de vários e dramáticos erros em seu primeiro mandato.

No caso da agricultura, há outros fatores negativos, entre os quais a politização do Ministério da Agricultura. Os três primeiros Ministros de Dilma foram escolhidos pelo partido ao qual coube o MAPA na divisão do poder. Felizmente, o quarto e atual Ministro, Neri Gueller, é grande conhecedor da atividade, sendo produtor e líder rural, e assim tem marcado seu período por bons resultados, sobretudo na formulação do Plano de Safra. Conhecer o setor é fundamental para os avanços tão necessários no campo brasileiro. Afinal, o agronegócio representa 23% do PIB do país, gera 30% dos empregos e responde por mais de 90% do nosso saldo comercial. Mas pode fazer muito mais do que isso se tiver a atenção que merece dos poderes constituídos, até porque a expectativa mundial está centrada no potencial que o Brasil tem de ser o grande responsável pela segurança alimentar e pela energia renovável, garantias da paz universal.

Em seu segundo mandato, Dilma pode reparar os erros do primeiro no campo, resgatando a agroenergia abandonada por ela, setor que amarga perdas brutais sem nenhuma explicação. E pode criar a tão esperada estratégia para um espetacular salto do agronegócio em benefício do país todo, com uma

política de renda fundada em seguro rural, crédito rural rotativo e plurianual e preços de garantia realistas, com uma política comercial que privilegie acordos bilaterais, com vigorosos investimentos em logística e infraestrutura, com apoio a tecnologia e defesa sanitária, com entendimentos com o Parlamento visando a modernização de muitas leis superadas, e com a retomada da agroenergia.

Há muito o que fazer e a esperança representada com o aceno do diálogo dá às entidades de representação dos produtores rurais uma extraordinária janela para construir o Brasil mais presente no cenário mundial combatendo a fome e mudando a geopolítica global com a energia renovável e limpa. Mãos a obra. Com o Ministério da Agricultura ocupado por líder rural competente e comprometido, ninguém segura a agro brasileiro!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)**